

Inclusão escolar: os processos de escolarização de alunos com Síndrome de Down

School inclusion: the schooling processes of students with Down Syndrome

Submissão: 02/11/2018 | Aceite final: 10/01/2019

Vaniele Barbosa da Costa | Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil | E-mail: vanielegaldinoufrn2016@gmail.com

Resumo

A inclusão de pessoas com Síndrome de Down no sistema regular é uma temática relevante na formação de professores e nas práticas escolares. Nesse sentido o objetivo desse trabalho é descrever concepções e práticas pedagógicas direcionadas aos alunos com síndrome de Down em uma escola de rede particular no município de Nova Cruz- RN. A metodologia empregada neste trabalho foi uma pesquisa de caráter qualitativa descritiva e exploratória. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário, com perguntas objetivas e subjetivas, onde participaram 3 (três) professores, uma coordenadora pedagógica e 10 (dez) alunos. Com a análise dos dados coletados conhecemos o perfil dos docentes que atuam com aluno SD nesta instituição, os mesmos lecionam nesta escola entre 2 a 28 anos, possuem uma faixa-etária entre 26 a 50 anos e são todos graduados. Os professores consideram que as maiores dificuldades encontradas para trabalhar com crianças com Síndrome de Down é a falta de formação adequada e o oferecimento de suporte e serviços proporcionado pela escola. A maioria dos pesquisados relataram que o apoio familiar é um dos principais aspectos facilitadores para inclusão social destes alunos. Os resultados mostraram as diferentes concepções de inclusão dos docentes e discentes acerca da inserção dos estudantes com síndrome de Down nos processos de escolarização regulares.

Palavras-chave: Síndrome de Down; Inclusão; Práticas pedagógicas.

Abstract

The inclusion of people with Down syndrome in the regular system is a relevant topic in teacher education and school practices. In this sense the objective of this study is to describe pedagogical conceptions and practices directed to students with Down syndrome

in a private school network in Nova Cruz-RN. The methodology used in this study was a descriptive and exploratory qualitative research. For data collection was used a questionnaire with objective and subjective questions, attended three (3) teachers, a pedagogical coordinator and ten (10) students. With the analysis of data collected know the profile of teachers who work with SD student in this institution, they teach at this school between 2-28 years have an age group between 26-50 years and are all graduates. Teachers find that the greatest difficulties in working with children with Down syndrome are the lack of adequate training and support offering and services provided by the school. Most respondents reported that family support is a key facilitating factors for the social inclusion of these students.

Keywords: Down Syndrome; Inclusion; Pedagogical Practices.

Introdução

A inclusão escolar e social dos sujeitos com deficiência se constitui um grande desafio na sociedade brasileira. Faz-se necessário a luta dos diversos integrantes da sociedade para que a inclusão de pessoas com deficiência se concretize e seja uma realidade. Para isso, passos fundamentais são essenciais para transformações nos quadros de marginalização dessas pessoas, como: mudanças nas concepções; articulação das práticas sociais aos direitos conquistados na legislação vigente; desenvolvimento de políticas sociais e educacionais com vistas à inclusão dos estudantes com deficiência.

A educação, direito fundamental e essencial ao ser humano, está explícita na Constituição Federal e outros documentos legais (BRASIL,1988). A garantia desses direitos reflete na construção de uma educação trazendo assim novos rumos para construir uma sociedade mais justa, igualitária e sem preconceitos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), assegura os direitos educacionais das pessoas com deficiência e aponta o atendimento educacional especializado como um dos aspectos da escolarização desses sujeitos. A inclusão escolar dos discentes com deficiência está interligada a ação de todos os integrantes da comunidade escolar, como por exemplo, professores, alunos, e funcionários, pois a presença do aluno com deficiência não pode ser vista como um mero cumprimento a legislação. Na concepção de Oliveira-Menegotto, Martini e Lipp (2010), não basta abrir os portões da escola e inserir o aluno com deficiência na classe regular sem o devido amparo

e preparo para lidar as singularidades dos discentes.

É válido ressaltar que o aumento expressivo no ingresso de crianças com deficiência nas escolas regulares. Dados do Censo Escolar indicam crescimento em relação às matrículas de alunos com deficiência na educação básica regular. Estatísticas indicam que no ano de 2014, 698.768 estudantes com deficiência estavam matriculados em classes comuns. Em 1998, cerca de 200 mil pessoas estavam matriculadas na educação básica, sendo apenas 13% em classes comuns. Em 2014, eram quase 900 mil matrículas e 79% delas em turmas comuns. (BRASIL, 2014)

Diante dos argumentos supracitados, espera-se aprofundar e estudar cientificamente questões acerca dos processos de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência na sala de aula regular, notadamente dos alunos com Síndrome de Down. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é: Descrever concepções e práticas pedagógicas direcionadas aos alunos com síndrome de Down em uma escola de rede particular no município de Nova Cruz- RN.

Enfim, este estudo pode contribuir para uma reflexão sobre os processos de inclusão escolar de estudantes com Síndrome de Down, e consequentemente o desenvolvimento de práticas de ensino e aprendizagem no âmbito da sala de aula regular. A construção de práticas pedagógicas inclusivas favorece a aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down bem como de todos os alunos.

Neste artigo, será mostrado, inicialmente, um estudo sobre a SD, relatando seu conceito e suas características. Em seguida, será abordado o referencial teórico acerca da SD e a inclusão escolar, mostrando a opinião de diversos autores referente ao assunto. Logo após, serão descritas as metodologias empregadas no trabalho. E na próxima etapa, foram mostrados os resultados da pesquisa. Na última parte serão apresentadas as considerações finais, mostrando a importância deste estudo para inclusão escolar.

Conhecendo a Síndrome de Down

A síndrome de Down (SD) é uma alteração genética ocasionada pela presença de um cromossomo a mais no par 21, denominada trissomia. A trissomia pode ser categorizada como a) trissomia 21 simples, isto significa que um cromossomo extra está presente em todas as células do organismo, b) mosaico, quando a trissomia cromossômica está presente somente em algumas células, e por c) translocação, quando o cromossomo

21 está unido a outro cromossomo. Inicialmente, a SD foi estudada e caracterizada por John Langdon Down em 1866. O diagnóstico da SD foi utilizado pela primeira vez em 1958 por Jerome Lejeune e se realiza mediante o estudo cromossômico (cariótipo), através do qual se detecta a alteração cromossômica. Esta condição genética afeta o desenvolvimento do indivíduo, determinando algumas características físicas e cognitivas e possíveis diferenciação em relação do desenvolvimento humano típico (MOREIRA; EL-HANI; GUSMAO, 2000).

Apresentam-se a seguir algumas características da Síndrome de Down elencadas por Castro e Pimentel (2009, p.305 e 306):

As crianças com Síndrome de Down apesar de possuírem alterações fenotípicas semelhantes como: aparência arredondada da cabeça, pálpebras estreitas e levemente oblíquas, boca pequena podendo-se projetar um pouco a língua, única prega palmar, pescoço curto, mãos e pés pequenos e grossos etc.; diferem entre si em aspectos gerais do desenvolvimento como: linguagem, motricidade, socialização e habilidades da vida diária. Porém, comumente apresentam crescimento físico mais lento; maior tendência a aumento de peso; atraso no desenvolvimento motor devido à hipotonia nos primeiros meses de vida, ou seja, menor tonicidade nos músculos e atraso no desenvolvimento mental. Outro fator a se destacar é que a síndrome não é progressiva, nem contagiosa. A própria flacidez, gerada pela hipotonia muscular pode ser reduzida com o tempo por meio de exercícios fonoaudiológicos e fisioterápicos, nos quais se investe no amadurecimento do Sistema de Nervoso Central (SNC) o que contribui, de forma significativa, para o desenvolvimento de aprendizagens.

A estimulação é um dos aspectos essenciais para o desenvolvimento sensorial, motor e cognitivo de crianças com Síndrome de Down, como por exemplo, fisioterapia, atividades psicomotoras e fonoaudiologia. Esse trabalho de estimulação pode trazer benefícios contribuindo para o desenvolvimento de habilidades nesses sujeitos. A evidência ou ausência dessas atividades de estimulação interferem no desenvolvimento, participação e aprendizagem do sujeito na escola (MOREIRA; EL-HANI; GUSMAO, 2000).

Além da estimulação com uma equipe multiprofissional, a família tem um papel essencial no desenvolvimento, socialização e aprendizagem dos sujeitos com Síndrome de Down. As informações sobre a deficiência e suas possibilidades possibilitam aos pais e responsáveis intervenções desde os primeiros meses de vida contribuindo para a inclusão escolar na educação infantil e demais etapas da educação básica. O apoio familiar nos processos de desenvolvimento e aprendizagem pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia, reconhecimento das especificidades dos indivíduos com SD nos contextos de interação familiar e social e apontando elementos para a inclusão escolar (MOREIRA; EL-HANI; GUSMAO, 2000).

Síndrome de Down e a Inclusão Escolar

A inclusão de alunos com deficiência ressalta as transformações nos processos educacionais, dentre essas transformações podem ser mencionadas as concepções docentes acerca do aluno com deficiência como um cidadão com direitos e deveres na escola. Em geral, algumas concepções sociais minimizam as capacidades dos alunos com deficiência, os equívocos sobre as categorias de deficiência podem levar ainda ao ideário da não-aprendizagem desse sujeito no campo educacional (OLIVEIRA-MENEGOTTO; MARTINI; LIPP, 2010).

Nesse trabalho defende-se a perspectiva da inclusão e suas contribuições para os estudantes Síndrome de Down, já que a mesma deveria propiciar aos alunos igualdades de oportunidades e condições educacionais. Vale ressaltar que a inclusão possui grandes desafios a serem enfrentados, dentre os quais podem ser citados: a formação de profissionais da educação, articulação da família e escola, intersetorialidade das equipes de profissionais da educação e saúde para dar suporte ao aluno, família e processos de escolarização (LUIZ et al 2008).

No âmbito escolar, os discentes com Síndrome de Down, assim como os demais, podem ter acesso às estratégias didáticas com vistas ao desenvolvimento de potencialidades e habilidades. Essas potencialidades se constituem aliadas para as aprendizagens escolares, bem como favorecem o prosseguimento nas diferentes etapas da educação básica. Além dos aspectos acadêmicos, as aprendizagens durante a educação básica podem motivar a escolha de uma formação profissional e posterior inserção no mercado de trabalho.

O desenvolvimento e aprendizagem escolar dos estudantes com Síndrome de Down podem estar associados às interações das crianças e adolescentes com e sem deficiência na sala de aula. Esses contextos interativos e de mediação pedagógica podem contribuir para a constituição de subjetividades e identidades dos discentes a partir do respeito e atenção à diversidade na sala de aula.

Na escola, as relações dos professores e estudantes com Síndrome de Down tendo como princípio a identificação das habilidades dos discentes poderá nortear a dimensão didática e metodológica das concepções e processos de ensino e aprendizagem. Nesse sentido é fundamental compreender as concepções dos docentes acerca da Síndrome de

Down como uma condição humana e não como impeditiva do desenvolvimento e aprendizagem humana (CASTRO; PIMENTEL, 2009).

Os processos de escolarização trazem diversas implicações para a aprendizagem do aluno com SD. A escola interfere no desenvolvimento afetivo, motor e cognitivo de todos os alunos, independentemente da condição de deficiência. Na organização pedagógica e curricular da escola as especificidades e potencialidades dos alunos com SD podem direcionar o planejamento de propostas educacionais para os estudantes com e sem deficiência. Estas são ações primordiais para a inclusão de crianças com Síndrome de Down no âmbito escolar (LAMONICA; FERREIRA-VASQUEZ, 2015).

A inclusão de alunos com SD no âmbito escolar contribuiu com a socialização e interação do estudante com deficiência e seus pares desenvolvendo assim habilidades de convivência e trabalho em equipe. Para um resultado significativo em relação à aprendizagem dessas crianças é necessário que o professor proporcione momentos lúdicos pertinentes à educação onde contenha estratégias de ensino necessárias para responder às suas potencialidades. A partir das mediações pedagógicas serão possíveis os avanços cognitivos dos alunos. É primordial que todos os envolvidos no processo educacional e na inclusão dos alunos com Síndrome de Down compreendam que os processos de escolarização podem se constituir em ambientes que favorecem a participação e aprendizagem de todos os alunos (ANUNCIAÇÃO; COSTA; DENARI, 2015).

Na escolarização de estudantes com SD é necessário compreender a centralidade do planejamento e prática curricular para direcionar a ação docente de ensinar a todos os alunos. O material pedagógico para os alunos com SD, deve ser elaborado pelo professor, pensando em estratégias para o desenvolvimento de conteúdos acadêmicos. Para a utilização de atividades com materiais concretos e materiais unidimensionais, o professor deve levar em consideração a idade e as potencialidades do educando. A escola e o professor devem oferecer para as pessoas com Síndrome um ambiente estimulador, através de práticas pedagógicas que venham a satisfazer suas necessidades e desenvolver a autonomia (LAMONICA; FERREIRA-VASQUEZ, 2015).

A SD traz consigo a deficiência intelectual, e os níveis de deficiência intelectual podem ser acentuados por ambientes inadequados a adaptação dos alunos com SD (COLL et al,2015).

A escola e suas diferentes situações educativas podem possibilitar experiências de respeito à diferença e heterogeneidade discente no ensino e aprendizagem escolar. A

inclusão pode possibilitar a desconstrução de atitudes de discriminação, seja pela condição de deficiência, classe social ou cor e suas implicações para a apropriação do saber na sala de aula. A escola tem um papel fundamental na interação dos alunos com deficiência e seus pares, compreendendo essa interação como fator de socialização, desenvolvimento cognitivo e aprendizagem (MANTOAN, 1998).

O artigo 58, da Lei Nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a Política Nacional de Educação Especial apresentam a educação especial como uma modalidade transversal a todos os níveis e modalidades educacionais. Uma das manifestações dessa modalidade é o Atendimento Educacional Especializado oferecido preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação como apoio complementar ou suplementar e não substitutivo da educação geral.

É válido ressaltar os direitos dos alunos com SD e os desafios escolares no estabelecimento de estratégias facilitadores de acesso, permanência, participação e aprendizagem na escola (CASTRO; PIMENTEL, 2009). Contudo, para alcançar essas dimensões da inclusão faz-se pertinente a discussão sobre concepções, práticas pedagógicas, aspectos curriculares e a organização administrativa e didática da escola com vistas ao reconhecimento das especificidades desses discentes na interação com todos os sujeitos da aprendizagem escolar.

Metodologia

Foi uma pesquisa de caráter qualitativa descritiva e exploratória (GIL, 2010). Quanto aos instrumentos foram utilizados questionários, com questões fechadas e abertas, como instrumento de coleta de dados, a pesquisadora entregou os mesmos aos alunos, professores e coordenadores, para recolher as respostas por escrito após sete dias. Com esta pesquisa procurou-se compreender como ocorre o processo de inclusão do aluno com SD em uma escola particular da rede regular de ensino.

A pesquisa foi realizada em uma escola particular, localizada no Município de Nova Cruz-RN, tendo em vista a presença de alunos com SD matriculados e frequentes nesta instituição de ensino, a direção aceitou prontamente a realização deste estudo.

Os questionários foram aplicados a 1 (uma) coordenadora pedagógica (Apêndice

A), 3 (três) professores (Apêndice B) e 10 (dez) alunos (Apêndice C), esses alunos são colegas de discentes SD e foram sorteados para responder a pesquisa. A coordenadora, os professores e os alunos têm experiência na escola direcionada aos alunos com SD. A pesquisa procurou elaborar, a partir dos dados obtidos com os vários envolvidos no contexto escolar (Coordenador, Professor e Aluno), uma reflexão acerca dos processos de escolarização inclusivos de estudantes com SD

Resultados

Neste tópico serão apresentados os dados resultantes dos questionários na escola campo de pesquisa. A primeira parte do questionário referia-se às características e perfil dos participantes e a segunda parte com questões referentes aos processos de escolarização de estudantes com SD. As questões abordadas para os profissionais da educação compreenderam o seu perfil acadêmico e profissional, as suas expectativas e percepções sobre a inclusão de alunos SD na escola regular, além dos desafios da inclusão e nos processos de ensino e aprendizagem em sala de aula. Já em relação ao questionário aplicado aos alunos, foram abordadas questões desde o preconceito, à convivência no ambiente escolar com os pares com deficiência.

Apresentam-se a seguir as concepções e experiências pedagógicas dos profissionais da educação e alunos acerca dos processos de escolarização de um aluno com SD no contexto de uma escola particular.

Quanto às experiências pedagógicas das professoras, a professora 1 teve experiência direcionadas aos alunos com SD e paralisia cerebral, durante 2 anos. A professora 2 não possui experiência direcionada aos alunos com deficiência e afirma que sentiria dificuldade no trabalho pedagógico com tais alunos. A professora 3 teve experiência com o aluno com SD. A concepção dos professores pode ser acompanhada nos excertos a seguir:

Angustiante por não ter um preparo especializado na área (QUESTIONÁRIO PROFESSORA 1)

Sofrida tendo em vista não ter nenhuma experiência com alunos portadores de necessidades educacionais (QUESTIONÁRIO PROFESSORA 3).

A formação e a capacitação dos docentes na área da educação especial são pontos enfatizados nos discursos dos professores entrevistados bem como nas pesquisas acerca

das práticas pedagógicas direcionadas aos alunos com deficiência. Esta teoria é condizente com o trecho a seguir:

Afinal, estamos, de um lado, diante da obrigatoriedade das escolas receberem os alunos que, até então, eram encaminhados para as classes e escolas especiais, e de outro estamos frente à falta de preparo e capacitação dos professores para lidar com a inclusão de crianças com deficiência em suas classes. Nesse sentido, trabalhar com o professor é fundamental para que possamos, efetivamente, falar de educação inclusiva (OLIVEIRA-MENEGOTTO; MARTINI; LIPP, 2010, p.158).

Nos processos de ensino na segunda etapa do Ensino Fundamental, as professoras apresentaram duas concepções diferentes:

Ensinar com atividades práticas, apoio dos colegas de sala também é de fundamental importância para a socialização do aluno com síndrome de Down, é necessário o uso de sinais, gestos e apoio visual (QUESTIONÁRIO PROFESSORA 1).

Sim, esses alunos necessitam de muita atenção, uma vez que todas as atividades serão voltadas para esse tipo de deficiência (QUESTIONÁRIO PROFESSORA 3).

Nos processos de ensino, as atividades com exemplos concretos podem facilitar o desenvolvimento motor, físico, cognitivo, social e emocional de todos os alunos. Além disso, o apoio dos colegas de sala, expresso na fala da professora 1, é muito importante, pois utilizar formas de aprendizagem cooperativa têm resultados significativos no desenvolvimento acadêmico, na autoestima, e na socialização do estudante com SD desde o início da escolarização, na educação infantil:

A Educação Infantil e suas características lúdicas é uma etapa da escolarização importante para o desenvolvimento não só do aluno com deficiências, mas de todos os alunos sem distinções. É através das brincadeiras que as crianças se reconhecem como parte integrante de grupos, testam suas ações e representam o mundo a sua volta. Com isso, toda pedagogia deve estar centrada na criança valorizando suas potencialidades (ANUNCIAÇÃO; COSTA; DENARI, 2015, p.240).

Cada estudante, independentemente de possuir deficiência ou não, tem suas características peculiaridades, habilidades e dificuldades no campo educacional, que merecem a atenção do professor (CARVALHO, 2004). Contudo, os alunos com SD necessitam de uma maior assistência e atenção de familiares e professores.

A coordenadora da escola explicita os processos de exclusão dos alunos com deficiência intelectual advinda da SD no contexto escolar:

Quando observo alunos que são vítimas de exclusão me sinto mais apta a me motivar nessa área. Já trabalhei com alunos nessa perspectiva e senti muita dificuldade tendo em vista que em sala de aula esses alunos necessitam de uma atenção especial (QUESTIONÁRIO COORDENADORA).

A coordenadora ressalta algumas experiências positivas com relação à participação e aprendizagem escolar. No caso dos alunos com SD evidencia a socialização como uma das finalidades das propostas educacionais:

Conseguimos socializar alguns alunos com deficiência, inclusive com síndrome de Down. Os alunos conseguiram aprender a ler livros, gibis, e outros materiais (QUESTIONÁRIO COORDENADORA).

No discurso acima, a coordenação apresenta avanços nas habilidades de leitura e escrita dos alunos com deficiência. A organização dessas estratégias está relacionada ao ato de planejar. No trecho abaixo, o planejamento na perspectiva da coordenação se refere à integração dos conteúdos curriculares ministradas aos níveis de aprendizagem dos alunos com deficiência:

No planejamento tentamos elaborar atividades que contemple o conteúdo ministrado em sala com as atividades no nível de aprendizado dos alunos (QUESTIONÁRIO COORDENADORA).

A coordenação compreende o planejamento pedagógico direcionado aos alunos com SD com base nas especificidades e níveis de desenvolvimento psicológico de tais alunos.

Na perspectiva da professora 1, o planejamento pedagógico precisa ter elementos diferenciadores da condição de deficiência para nortear os processos de ensino:

Não á qualquer tipo de planejamento pedagógico para receber este aluno. A ausência da capacitação profissional prejudica a adaptação curricular, é preciso conhecer a deficiência do aluno para fazer as possíveis adaptações (QUESTIONÁRIO PROFESSORA 1).

As professoras evidenciam os desafios nos processos de ensino no que se refere à participação e aprendizagem desse aluno com SD no ensino fundamental.

Tempo individualizado para sanar as necessidades deste aluno (QUESTIONÁRIO PROFESSORA 1)

Colocar mais de 40 alunos numa sala e ter que dar atenção especial ao aluno com síndrome (QUESTIONÁRIO PROFESSORA 3).

No contexto da sala de aula, as interações sociais se constituem elementos essenciais para a participação dos alunos com deficiência. Na experiência da coordenadora, os alunos estabelecem interações com os alunos com SD.

É muito interessante inclusive os alunos interagem bem com elas, os outros alunos gostam de ajudá-los e de interagir com elas (QUESTIONÁRIO COORDENADORA).

Outro aspecto evidenciado nas interações é o questionamento de discursos e práticas de discriminação dos alunos com SD como sujeitos de não-aprendizagem (OLIVEIRA-MENEGOTTO; MARTINI; LIPP, 2010; LUIZ ET AL, 2008). Esse questionamento requer a mudanças de concepções e atitudes como está explícito no trecho a seguir:

Como bem sabemos isso é um processo que requer alguma mudança de postura e isso leva algum tempo (QUESTIONÁRIO COORDENADORA).

Apresentam-se a seguir as concepções dos alunos acerca da convivência no ambiente escolar com o aluno com SD no Quadro 01.

Quadro 01: Convivência com a SD

| Questão | Sim | Não |
|--|----------|--------|
| Na sua turma, tem algum aluno que apresenta alguma necessidade especial? | 10(100%) | 0 |
| Você já conhecia alguma pessoa com SD? Justifique. | 5(50%) | 5(50%) |

Fonte: Dados da pesquisa 2016

A partir dos dados expostos no quadro 01, identificamos que 50% responderam dos alunos tinham experiência prévias de contato com os alunos com SD, sendo estes 4 (quatro) colegas e um parente, e 5 alunos (50%) responderam que não tiveram experiências anteriores com pessoas com SD.

No questionário de pesquisa feito com os alunos da instituição pesquisada os mesmos abordaram como foi o seu primeiro contato com o aluno SD.

Normal, minha professora explicou que não devíamos estranhar a presença dela.

(QUESTIONÁRIO ALUNO 1)

Diferente, pois ela não interagiu da mesma forma que os outros. (QUESTIONÁRIO ALUNO 3)

Diferente, porque eu estava ansioso para saber como seria a convivência. E eu achava que ia ser legal, e foi. (QUESTIONÁRIO ALUNO 7)

Os alunos evidenciaram suas concepções acerca da convivência do aluno com SD e seus pares, a seguir apresentam-se excertos dos alunos:

Normal, as pessoas tratam com muito carinho até porque podemos aprender com eles. (QUESTIONÁRIO ALUNO 2)

Normal, nenhum deles tem preconceitos com a aluna SD. (QUESTIONÁRIO ALUNO 4)

Diferente, pois as pessoas não sabem o que ela está pensando, o que ela vai fazer, sempre olham a aluna SD com um olhar diferente. (QUESTIONÁRIO ALUNO 6)

Normal, tratamos todos da mesma forma, com carinho e sempre dispomos a ajudar. (QUESTIONÁRIO ALUNO 8)

Nos trechos apresentados acima, três (3) alunos apresentam a concepção da normalidade na convivência com esse aluno, reafirmando a dimensão afetiva com base na utilização de termos como carinho. Um dos alunos, o aluno 06 ressalta que essa convivência é diferente, pois a percepção dos pares acerca da SD é diferenciada a partir do não conhecimento acerca dos aspectos psicossociais da deficiência e seus rebatimentos nos comportamentos desses indivíduos na escola (OLIVEIRA-MENEGOTTO; MARTINI; LIPP, 2010; LUIZ ET AL, 2008).

Além das concepções dos discentes acerca da convivência com o aluno com SD, os alunos explicitaram a questão do preconceito nas relações escolares.

Todos os alunos são tratados normalmente, independente de ter SD. (QUESTIONÁRIO ALUNO 2)

Não existe preconceito, a aluna SD é muito querida por todos. (QUESTIONÁRIO ALUNO 3)

O preconceito existe, pois tem algumas pessoas que não se aproximam, ou seja, ficam excluindo o aluno SD. (QUESTIONÁRIO ALUNO 5)

Várias pessoas não aceitam o aluno SD, olham com um olhar diferente como se estivesse desejando o mal. (QUESTIONÁRIO ALUNO 6)

Nos excertos dos questionários apresentados acima, dois (2) alunos afirmam que

não existem preconceitos nas relações do aluno com SD com seus pares, enquanto que os outros dois (2) alunos identificam situações de exclusão do aluno com SD referenciado tais atitudes como discriminatórias e preconceituosas.

Os alunos evidenciaram ainda as interações sociais dos alunos com SD no ingresso no mercado de trabalho e advogam o direito desses indivíduos de viverem uma vida normal:

A Síndrome de Dow não é motivo para não viver socialmente (ALUNO 1).

Algumas pessoas, mesmo com Síndrome de Down, conseguem ter sucesso no trabalho. (QUESTIONÁRIO ALUNO 2).

Porque eles têm que ser tratados como pessoas normais. (QUESTIONÁRIO ALUNO 4).

São totalmente capazes de ter uma vida normal. (QUESTIONÁRIO ALUNO 8)

No quadro 02 a seguir, apresenta-se uma síntese das concepções dos alunos acerca do preconceito e expectativa de vida da pessoa com SD:

Quadro 02: Preconceito e vida da pessoa com Síndrome de Down

| Questões | Sim | Não |
|---|---------|---------|
| Você considera que existe algum tipo de preconceito na escola em relação ao aluno com Síndrome de Down? | 4 (40%) | 6 (60%) |
| Você acha que à pessoa com SD pode seguir normalmente (Trabalho, namoro, seguir os estudos)? | 8 (80%) | 2 (20%) |

Fonte: Dados da pesquisa, 2016

Os alunos expuseram a importância da convivência com pessoas com deficiência para o desenvolvimento de atitudes e sentimentos de respeito as diferenças no contexto escolar e na sociedade.

Para que não sejamos preconceituosos e para aprendermos a viver socialmente. (ALUNO 1)

Perceber que um cromossomo a mais é mais amor, carinho, ou seja, tudo que é de muitas vezes difícil de encontrar em uma pessoa normal. (ALUNO 2)

Aprender coisas sobre as pessoas com SD, a reação, seu jeito, etc. (ALUNO 6)

É uma experiência incrível, e nos mostra como devemos reagir diante de uma situação como essa. E devemos respeitar como uma pessoa normal. (ALUNO 7)

Nos discursos é perceptível concepções estigmatizadoras acerca da condição da SD. O estereótipo da afetividade diferenciada é identificado em alguns excertos, no qual a pessoa com SD tem afetos e sentimentos especiais se comparada aos demais indivíduos.

Os alunos relataram mudanças em relação as suas percepções acerca do estudante com SD depois da convivência em sala de aula.

Sim, Porque não era como eu pensava, pois dependendo da atenção ela fica mais legal com você. (ALUNO 4)

Sim, Porque aprendi a ser mais paciente com pessoas especiais, e trata-las como pessoas normais. (QUESTIONÁRIO ALUNO 7).

Os processos de socialização podem contribuir com as relações dos alunos com e sem deficiência. As relações interpessoais na escola interferem ainda nos processos de ensino e aprendizagem na sala de aula. Tais relações podem contribuir para a construção das práticas pedagógicas inclusivas nas quais professores e alunos aprendem a conviver com as diferenças e especificidades de todos (OLIVEIRA-MENEGOTTO; MARTINI; LIPP, 2010; LUIZ ET AL,2008).

Os alunos relataram suas concepções acerca da participação em atividades realizadas em grupo com os alunos com SD:

Sim, são pessoas amigáveis e companheiras. (QUESTIONÁRIO ALUNO 1).

Sim, pois temos a oportunidade de aprender novas coisas. (QUESTIONÁRIO ALUNO 2)

Não, devido a falta de entendimento e entrosamento destes alunos. (QUESTIONÁRIO ALUNO 4)

Sim, com isso aprendemos mais como lhe dar com ela. (QUESTIONÁRIO ALUNO 9)

As relações interpessoais na escola podem interferir no desenvolvimento de pessoas com deficiência contribuindo para acesso, permanência, participação e aprendizagem dos sujeitos com SD (MANTOAN, 1998).

Quanto às metodologias utilizadas pelos professores nos processos de ensino, os docentes explicitam o uso de atividades práticas, comunicação a partir de gestos e apoio visual, bem como afirmam que as interações dos alunos com deficiência com seus pares é de fundamental importância para a socialização do aluno com SD e para os processos de aprendizagem (CARVALHO, 2004).

A organização da escola inclusiva tem como um dos princípios o reconhecimento

das especificidades e habilidades dos alunos com deficiência, nesse caso a SD. Esse princípio direciona a proposição de planejamentos e práticas curriculares direcionadas ao ensino e aprendizagem de todos os alunos (CARVALHO, 2004).

Os professores destacaram também que a inclusão de alunos com SD na escola regular tem como pontos positivos a socialização, a interação, e os comportamentos sociais de autonomia e independência, onde estas crianças podem socializar-se com outras de mesma idade, criar vínculos de amizade e usufruir do direito de aprender e conviver socialmente.

Em relação à parceria família-escola, os docentes evidenciaram a importância da dimensão colaborativa dos profissionais da educação e os responsáveis pelos estudantes. Os dados mostraram também a relevância do planejamento pedagógico na elaboração de atividades nos processos de ensino e aprendizagem dos alunos com SD.

A análise dos dados apresenta de um lado, as concepções docentes acerca dos alunos com SD, por outro a perspectiva dos discentes acerca do convívio escolar com os pares com deficiência. Em relação às concepções dos docentes explicitam a sensação de despreparo para atuar em sala de aula com alunos com deficiência. Percebe-se na perspectiva dos discentes a convivência como elemento positivo para desconstrução de preconceitos e práticas discriminatórias. Portanto, a compreensão dos processos de escolarização dos alunos com SD perpassam as interações dos professores e alunos na constituição dos caminhos da inclusão escolar.

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo descrever concepções dos professores e alunos acerca de um discente com SD em uma escola de rede particular no município de Nova Cruz- RN. Nessa descrição apresentam-se as concepções de ensino e aprendizagem dos professores, as metodologias e estratégias didáticas utilizadas, e a convivência dos alunos com SD e seus pares.

Uma das limitações do estudo se refere à ausência de observações na sala de aula. Os questionários possibilitaram descrever as concepções dos docentes e discentes, contudo os elementos das práticas pedagógicas se restringiram as respostas dos participantes.

Este estudo contribuiu para a reflexão sobre propostas pedagógicas direcionadas

aos alunos SD na instituição de ensino pesquisada, e também para melhorias no processo de inclusão destas crianças, haja vista que propiciou à escola a repensar sobre suas propostas pedagógicas direcionadas aos alunos NEE, e despertou nos profissionais o interesse em se aperfeiçoar profissionalmente na área da educação inclusiva para poder oferecer uma educação adequada às especificidades de cada um, contribuindo para a inclusão e socialização de todos os discentes em um mesmo ambiente escolar.

Assim, espera-se nas futuras investigações sobre a temática analisar estratégias e metodologias pedagógicas e suas contribuições para os processos de ensino e aprendizagem dos alunos com SD. O estudo concluiu que a inclusão escolar é de extrema importância para promover educação de qualidade para todos. Porém, diante os dados analisados na pesquisa de campo percebemos que há um grande caminho a ser percorrido para que a inclusão do aluno SD na escola regular aconteça efetivamente, bem como investimentos na formação dos profissionais e dos recursos pedagógicos para o trabalho com todos os alunos.

Referências

ANUNCIACÃO, L. M. R. L.; COSTA, M. P. R.; DENARI, F. E. Educação Infantil e Práticas Pedagógicas para o Aluno com Síndrome de Down: o Enfoque no Desenvolvimento Motor. **Rev. bras. educ. espec**, v. 21, n. 2, p. 229-244, 2015 .

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. **Censo Escolar da Educação Básica 2013**: resumo técnico. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília: O Instituto, 2014.

CARVALHO, R. E. **Educação inclusiva**: Com os pingos nos "is". Porto Alegre: Mediação, 2004.

CASTRO, A. S. A., PIMENTEL, S. C. Síndrome de down: desafios e perspectivas na inclusão escolar. *In*: DÍAZ, F., et al., (orgs). **Educação inclusiva, deficiência e contexto social**: questões contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2009.

COLL, C., et al. **Desenvolvimento psicológico e educação**: Transtornos de desenvolvimento e necessidades especiais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

LAMONICA, D. A. C.; FERREIRA-VASQUES, A. T. Habilidades comunicativas e lexicais de crianças com Síndrome de Down: reflexões para inclusão escolar. **Rev. CEFAC**, v. 17, n. 5, p. 1475-1482, 2015.

LUIZ, F. M.R. et al . A inclusão da criança com Síndrome de Down na rede regular de ensino: desafios e possibilidades. **Rev. bras. educ. espec.**, v. 14, n. 3, p. 497-508, 2008.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão: ensino inclusivo/educação de qualidade para todos. **Integração**, v. 8, n. 20, p. 29-32, 1998.

MOREIRA, L. M. A.; EL-HANI, C. N.; GUSMAO, F. A. F. A síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 96-99, 2000.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M.; MARTINI, F. O.; LIPP, L. K. Inclusão de alunos com síndrome de Down: discursos dos professores. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 155-168, 2010.